

Estudo das Características Psicométricas da Versão Portuguesa da Escala de Expressividade Emocional

Alexandra Dinis¹, José Pinto Gouveia² & Ana Xavier³

A Escala de Expressividade Emocional (EEE; *Emotional Expressivity Scale*; EES; Kring, Smith, & Neale, 1994) destina-se a avaliar o grau em que os respondentes exteriorizam as suas emoções independentemente da sua valência emocional ou canal de expressão. Neste estudo apresentam-se as características psicométricas e a estrutura factorial da versão portuguesa.

Numa amostra de 1008 sujeitos, estudantes e pertencentes à população geral, os resultados mostram que a escala possui uma boa consistência interna e estabilidade temporal. A composição factorial revelou-se idêntica à encontrada pelos autores originais, evidenciando-se uma estrutura unidimensional.

As validades, convergente e divergente, foram estudadas através da análise das correlações com a sintomatologia ansiosa, depressiva e o *stress*, a regulação emocional, a inteligência emocional, a ruminação, bem como o afecto positivo e o afecto negativo.

Os resultados sugerem que a Escala de Expressividade Emocional é um instrumento útil e válido para medir a expressividade emocional na população portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Expressividade Emocional; Medidas de Expressividade Emocional; Psicopatologia; Experiência Emocional; Ruminação; Regulação Emocional.

1. Introdução

De acordo com a perspectiva funcionalista, as emoções são sistemas complexos, que se desenvolveram ao longo da história evolucionária humana porque

1 Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Doutoramento da primeira autora, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/36211/2007) - alexandra.m.b.dinis@gmail.com

2 Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Coordenador do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

3 Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

nos ajudam a responder adaptativamente aos desafios e às oportunidades ambientais que enfrentamos (Levenson, 1994). Neste contexto, as emoções podem ser activadas por estímulos internos ou externos. Este “programa de emoção”, uma vez activado, prepara o organismo para a acção (para lidar com os desafios e oportunidades ambientais) gerando uma variedade de tendências de resposta (incluindo sentimentos subjectivos, modificações fisiológicas e tendências comportamentais), que podem ou não ser expressas visivelmente, no comportamento expressivo emocional (Gross & Muñoz, 1995). Vários investigadores são concordantes na conceptualização que apresentam da resposta emocional, considerando-a composta por múltiplos componentes, incluindo o experiencial (ou subjectivo), o expressivo (ou comportamental) e o fisiológico (e.g., Ekman, 1992; Gross & Muñoz, 1995; Kring & Gordon, 1998; Levenson, 1994; Mauss, Levenson, McCarter, Wilhelm, & Gross, 2005). Vários investigadores e teóricos concordam relativamente à ideia de que o grau, em que os componentes expressivo, emocional e fisiológico das emoções correspondem entre si (numa resposta sincrónica ou não), varia dependendo de factores sociais, culturais e situacionais (e.g., Adelman & Zajonc, 1989; Ekman, Friesen, & Ellsworth, 1982; Kring, Smith, & Neale, 1994; Kring & Gordon, 1998; Lang, Bradley, & Cuthbert, 1990; Miller & Kozak, 1993).

Definição de Expressividade Emocional

De entre todos os componentes da resposta emocional, o expressivo tem sido o mais estudado. As concepções iniciais sobre a expressividade emocional eram tipicamente amplas (Friedman, Prince, Riggio, & DiMatteo, 1980; Snyder, 1974). Já as concepções mais recentes procuraram estreitar o domínio do constructo de expressividade emocional. Gross e John (1995, 1997) enfatizam a natureza multifacetada da expressividade emocional, que definem como o conjunto de mudanças comportamentais que tipicamente acompanha as emoções (e.g. a expressão facial – sorrir, franzir o sobrolho, chorar; a postura – esbracejar). Segundo Gross e John (1995, 1997), a expressividade emocional é composta por três facetas: a expressividade positiva, a expressividade negativa e a força dos impulsos emocionais. Halberstadt, Cassidy, Stifter, Parke, e Fox (1995) definem a expressividade como um padrão ou estilo persistente na exibição de expressões verbais e não verbais que parece estar frequentemente, mas nem sempre, relacionado com a emoção. Segundo Kennedy-Moore e Watson (1999), a expressão emocional consiste nos comportamentos verbais e não-verbais observáveis, que traduzem e/ ou simbolizam a experiência emocional. Para Kring e colaboradores (1994) a expressividade emocional refere-se à disposição geral para manifestar exteriormente as emoções, independentemente da sua valência (e.g., positiva ou negativa) ou do canal pelo qual a emoção é expressa (e.g., facial, vocal ou gestual). Esta definição de expres-

sividade emocional salvaguarda a existência de diferenças individuais, avaliadas pelo grau com que cada indivíduo manifesta exteriormente as suas emoções.

Sintetizando, de acordo com as diversas definições supracitadas, a maioria dos autores salienta as seguintes características da expressividade emocional: as mudanças comportamentais que acompanham as emoções; os comportamentos verbais ou não verbais da experiência emocional; a manifestação exterior das emoções.

Segundo Kring e colaboradores (1994), a expressividade emocional difere em aspectos importantes de outras formas de resposta afectiva e de outros constructos que frequentemente aparecem a ela associados, que aqui julgamos ser importante esclarecer. Por exemplo, a *emocionalidade* é tradicionalmente conceptualizada como a tendência para mudar de um estado emocional neutro ou positivo para um negativo (Buss & Plomin, 1975; Watson & Clark, 1984), ou mais genericamente, como uma disposição estável para experienciar emoções positivas ou negativas (Tellengen et al., 1988). O *auto-controlo expressivo*, capturado pelo constructo de auto-monitorização, refere-se à capacidade dos indivíduos em monitorizar e controlar o seu comportamento expressivo, verbal e não-verbal, de modo a criar impressões socialmente apropriadas (Snyder, 1974, 1987). Similarmente, o constructo de *controlo emocional* refere-se à tendência para inibir a expressão das respostas emocionais, o que pode predispor o indivíduo a doenças associadas ao *stress*, ao atrasar a recuperação da activação autonómica associada à emoção (Roger & Neshoever, 1987).

Expressividade Emocional e Psicopatologia

Vários estudos empíricos demonstram que a expressão emocional está associada a benefícios mentais e físicos (Pennebaker, 1995; Sloan & Marx, 2004) na população em geral. Também em populações específicas, como em mulheres diagnosticadas com cancro da mama (Stanton et al., 2000) e idosos (Shaw et al., 2003) verifica-se que a abordagem emocional, que envolve activamente o processamento e a expressão das emoções, está associada ao ajustamento físico e psicológico. Por outro lado, a inibição da expressão emocional está associada a elevados custos psicofisiológicos (Gross, 1998a), cognitivos e sociais (John & Gross, 2004).

A expressão emocional (avaliada com recurso a diferentes instrumentos de medida) tem sido estudada no âmbito de vários quadros psicopatológicos, cujos resultados mostram a existência de uma resposta emocional diminuída, incluindo na depressão (Ekman, Matsumoto, & Friesen, 1997; Sloan, Strauss, & Wisner, 2001), esquizofrenia (Aghevi, Blanchard, & Horan, 2003; Earnst & Kring, 1999; Gaebel & Wölwer, 2004; Kring & Neale, 1996), perturbação *borderline* da personalidade (Herpertz et al., 2001; Renneberg, Heyn, Gebhard, & Bachmann, 2005), perturbação

de ansiedade generalizada (Mennin, Heimberg, Turk, & Fresco, 2005) e perturbação de *stress* pós-traumático (Wagner, Roemer, Orsillo, & Litz, 2003).

A crença de que a não expressão emocional é preferível à expressão, pelo menos em alguns contextos, recebeu igualmente suporte empírico, como os estudos que associam a expressão à intensificação da perturbação emocional (*distress*) (Laird, 1974), à interferência que pode causar na aplicação de estratégias de *coping* activo (Nolen-Hoeksema, 1991), ou que demonstram a influência nefasta de uma expressividade sem limites nas relações interpessoais (Travis, 1989).

Todos estes estudos são claramente indicativos da dificuldade em estabelecer uma relação entre a expressão (ou não expressão) das emoções e os seus possíveis efeitos adaptativos ou desadaptativos. Neste campo, alguns factores têm que ser tidos em consideração. O primeiro, é que o comportamento expressivo em situações sociais supõe-se ser influenciado por regras e crenças culturais e sociais quanto à expressão emocional, isto é, padrões culturais e sociais acerca de como e quando expressar as emoções (e.g., Buck, Losow, Murphy, & Costanzo, 1992; Ekman, 1992; Ekman & Friesen, 1975; Ekman et al., 1982; Kring & Gordon, 1998). Segundo, a não expressão das emoções parece ser mais desadaptativa quando ocorre como tentativa deliberada, inflexível e permanente para inibir a expressão do comportamento emocional. Wegner (1992) demonstrou que a tentativa deliberada para suprimir pensamentos e emoções pode ser contraproducente, na medida em que resulta na frequência de pensamentos indesejados que se procura evitar (Wegner, 1992; Wenzlaff & Wegner, 2000). Recentemente, estudos comprovam que a supressão expressiva provoca um aumento da tensão fisiológica, uma diminuição do bem-estar, uma redução dos recursos cognitivos e um prejuízo nas capacidades para prestar atenção, descrever e compreender as emoções, bem como em usá-las eficazmente em direcção a objectivos valorizados (e.g., Gross & John, 2003). A inibição emocional ou a dificuldade em expressar as emoções abertamente está ainda associada a um pior ajustamento psicológico (Lepore & Smyth, 2002; Pennebaker, 1997).

Por fim, partindo do pressuposto de que a expressividade emocional é variável num contínuo, diferentes perturbações psicológicas estão associadas a “excessos” na emoção (e.g., ansiedade), a “défices” na emoção (e.g., depressão), ou à incoerência entre os sistemas de resposta emocional (e.g., esquizofrenia) (Keltner & Kring, 1998; Kring & Bachorowski, 1999).

Medidas da Expressividade Emocional

A expressividade emocional tem sido avaliada através do recurso a sistemas de codificação observacional, medidas psicofisiológicas e questionários de auto-resposta.

Os sistemas de codificação observacional são um método comum para avaliar a expressão emocional, particularmente através da expressão facial. Tipicamente este tipo de investigação recorre à apresentação de estímulos evocativos emocionais (*clips* de filmes, imagens), sendo os participantes filmados durante a sua apresentação, e posteriormente codificadas as suas expressões emocionais. Entre estes, destaca-se o *Sistema de Codificação da Expressão Facial* (*The Facial Expression Coding System* - FACES; Kring & Sloan, 1991, 2007) que foi desenvolvido para avaliar a valência (positiva, negativa), e a frequência, intensidade e duração das expressões emocionais positivas e das expressões emocionais negativas. O FACES já foi usado em diversos estudos das emoções (e.g. Blanchard, Kring, & Neale, 1994; Kring, Ken, Smith, & Neale, 1993; Kring et al., 1994; Kring & Gordon, 1998). Outro sistema de codificação observacional amplamente usado é o *Sistema de Codificação da Acção Facial* (*Facial Action Coding System* - FACS; Ekman & Friesen, 1978) que tem como objectivo avaliar os movimentos musculares observáveis da face, sobretudo os movimentos musculares de expressão facial que se acredita corresponderem a emoções específicas. Este sistema já foi igualmente utilizado numa variedade de estudos conduzidos em populações clínicas (e.g., Ekman, Matsumoto, & Friesen, 1997; Gaebel & Wölwer, 2004; Rennenberg, Heyn, Gebhard, & Bachmann, 2005).

Contudo, ambos os sistemas têm desvantagens, nomeadamente a necessidade de treino dos observadores que vão proceder à codificação, de equipamento de gravação e da avaliação dos participantes ter que ser efectuada individualmente.

Existe igualmente o recurso a medidas psicofisiológicas, tais como a avaliação da actividade facial electromiográfica (EMG), sendo que a principal desvantagem deste método (à semelhança dos sistemas de codificação da expressão facial) é a necessidade de ser aplicado em contexto laboratorial, levantando necessariamente questões relativamente à validade ecológica dos resultados obtidos (Dobbs, Sloan, & Karpinski, 2007).

Um terceiro método, amplamente utilizado, para avaliar a expressividade emocional é o recurso a questionários de auto-resposta. A maioria dos questionários de auto-resposta considera que a expressividade emocional se refere à apresentação exterior das emoções, e que é uma característica estável, permitindo diferenciar os indivíduos entre si relativamente ao nível geral com que expressam as suas emoções. As medidas de auto-resposta, constituem-se vantajosas, na medida em que permitem uma ampla avaliação da expressão emocional, dentro e fora do contexto laboratorial, como em resposta a situações ou contextos mais específicos (Dobbs et al., 2007). Apesar destas vantagens, o método de auto-resposta encerra desvantagens, pois requer a capacidade do respondente para reflectir e relatar a sua própria expressividade emocional;

e porque se baseia nas recordações dos respondentes, podendo reflectir um padrão único de comunicação enviesada. Robinson e Clore (2002) alertam para o facto de que quando os indivíduos relatam os seus próprios processos emocionais, eles primeiro recorrem à memória episódica e depois à memória semântica, conduzindo a que respondam aos itens de expressividade emocional, baseando-se na sua memória acerca de situações recentes, nas suas crenças de como julgam que deveriam responder em situações emocionais, e nas próprias regras de expressão emocional específicas para a sua cultura e género sexual, o que pode afectar o modo como respondem às questões colocadas acerca da sua expressividade emocional.

Existe ainda uma multiplicidade de questionários, aos quais têm sido apontadas algumas limitações. Kring e colaboradores (1994) numa revisão que fizeram dos instrumentos utilizados para medir a expressividade emocional apresentam os argumentos pelos quais consideram que alguns dos instrumentos que têm sido utilizados para medir a expressividade emocional são inadequados ou incompletos, não permitindo a obtenção de uma medida global de expressividade emocional do respondente. Por exemplo, a *Escala de Controlo Emocional de Courtald* (*Courtald Emotional Control Scale*; Watson & Greer, 1983) contém itens que pertencem apenas à expressão controlada de emoções negativas; a *Escala de Auto-Monitorização* (*Self-Monitoring Scale*; Gangestad & Snyder, 1985) avalia o grau em que os indivíduos monitorizam e controlam o seu comportamento expressivo em relação a pistas sociais concretas e o *Teste de Comunicação do Afecto* (*Affect Communication Test*; Friedman et al., 1980) foi desenvolvido para identificar indivíduos extremamente expressivos, carismáticos ou dinâmicos. Pelo facto de se tratar de uma medida da expressividade não verbal ou carisma extremos, a sua aplicabilidade como uma medida geral de expressividade disposicional é limitada. Também a subescala *Expressividade Emocional do Inventário de Competências Sociais* (*Emotional Expressivity subscale of the Social Skills Inventory*; Riggio, 1986), que foi desenvolvida como parte de um inventário de competências sociais, define a expressividade como uma competência aprendida que é inerente e necessária à interacção social, não permitindo avaliar a expressividade emocional enquanto característica disposicional estável de diferença individual (ou seja, como não sendo meramente uma combinação de várias competências aprendidas úteis à interacção social).

Um dos questionários de auto-resposta desenvolvidos para medir a expressividade emocional é o *Questionário de Expressividade de Berkeley* (BEQ; *Berkeley Expressivity Questionnaire*; Gross & John, 1997) que tem como objectivo medir a expressão emocional geral, avaliando tanto a experiência emocional interna, como a manifestação exterior da expressão emocional. Gross e John (1997) apresentam uma conceptualização multifacetada da expressividade emocional,

considerando-a composta por três dimensões. A dimensão força do impulso avalia a força global das tendências de resposta emocional, enquanto as dimensões de expressividade positiva e expressividade negativa avaliam o grau em que as tendências expressivas são geralmente exteriorizadas através de comportamentos manifestos.

Apesar dos vários instrumentos de avaliação da expressividade emocional serem medidas multidimensionais, Kring e colaboradores (1994) propuseram-se a desenvolver uma medida unidimensional que respondesse à necessidade dos clínicos e investigadores poderem utilizar uma medida geral de expressividade emocional, que permitisse avaliar as diferenças individuais quanto ao grau em que os indivíduos expressam exteriormente as suas emoções. Deste modo, a construção da *Escala de Expressividade Emocional (Emotional Expressivity Scale; Kring et al., 1994)* baseia-se na definição de expressividade emocional como sendo o grau em que cada indivíduo manifesta externamente as suas emoções, independentemente da valência emocional (e.g. emoções positivas ou negativas) ou canal de expressão (e.g. facial, gestual ou vocal). A construção da escala teve como objectivo criar um conjunto de itens que avaliasse especificamente o componente expressão emocional da resposta emocional (e não a experiência emocional ou as alterações fisiológicas), e que fosse homogéneo ao conceito de expressividade emocional em geral. Sendo a expressão emocional composta pela expressão positiva e expressão negativa das emoções, nesta escala elas são avaliadas conjuntamente dado que o objectivo do instrumento é medir a expressividade emocional geral dos respondentes e não o conteúdo/ valência das emoções expressadas.

Dado o interesse renovado que o constructo de expressividade emocional tem vindo a assumir entre os clínicos e investigadores, torna-se imperativo a existência de medidas fortes e robustas, para avaliar a expressão emocional na população portuguesa. Perante a ausência de um instrumento de avaliação da expressividade emocional para a população portuguesa, o presente estudo apresenta três objectivos. Em primeiro lugar, pretende traduzir e adaptar para a língua portuguesa a EES. O segundo objectivo prende-se com o estudo da estrutura factorial da versão portuguesa da EES numa ampla amostra da população geral. Por último, este estudo propõe-se examinar as propriedades psicométricas da estrutura factorial obtida, nomeadamente a análise dos itens e consistência interna, diferenças de género, fidelidade teste-reteste e, por fim, explorar a validade convergente e divergente deste instrumento usando medidas de ansiedade, depressão e *stress*, regulação emocional, inteligência emocional, ruminação, bem como afecto positivo e afecto negativo.

2. Metodologia

2.1. Caracterização da Amostra

Participaram neste estudo 1008 sujeitos no total, dos quais 463 são estudantes do ensino superior (45.9%), de diferentes anos lectivos e licenciaturas, e 545 pertencem à população geral não estudante (54.1%), a trabalhar em diversos sectores laborais. No seu conjunto, a amostra tem 340 sujeitos do género masculino (33.7%) e 668 do género feminino (66.3%), com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M = 30.77$; $DP = 12.00$). O número de anos de escolaridade varia entre os 4 e os 23 anos ($M = 14.30$; $DP = 2.95$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a idade ($t_{(1006)} = 1.193$; $p = .233$) e para os anos de escolaridade ($t_{(1006)} = 1.414$; $p = .158$), entre os dois géneros.

2.2. Procedimentos

O processo de tradução da Escala de Expressividade Emocional seguiu os passos recomendados para este tipo de estudos. Primeiro, dois psicólogos que dominam a língua inglesa e o modelo teórico a partir do qual a escala original foi desenvolvida fizeram uma tradução independente da escala. Posteriormente, procurou-se encontrar uma solução de consenso, de modo a que os itens da versão portuguesa abarcassem o melhor possível, o sentido dos itens presentes na escala original, e tendo em conta a sua equivalência lexical, conceptual e gramatical. Posteriormente um especialista em língua inglesa assegurou a sua retroversão. Após obtida a autorização dos respectivos Institutos Politécnicos e Instituições Universitárias do Ensino Superior, solicitou-se a participação voluntária dos alunos, para o preenchimento de uma bateria de questionários. A amostra da população geral não estudante foi recolhida entre membros de instituições, na maioria organismos públicos, lojistas e empregados fabris. Após obtida a autorização das instituições contactadas, os objectivos da investigação foram clarificados e a autorização foi obtida de modo a que os indivíduos pudessem participar no estudo. Posteriormente, todos os participantes que aceitaram participar voluntariamente na investigação foram elucidados acerca dos objectivos do estudo. A todos os participantes foi garantida que a sua cooperação era totalmente voluntaria e de que as suas respostas eram confidenciais e só utilizadas para o propósito desta investigação. Na sua totalidade os participantes foram informados verbalmente, e por escrito, sobre os objectivos do estudo, tendo-lhes sido ainda assegurado o anonimato e garantida a confidencialidade das suas respostas. Os participantes tiveram ainda alguns minutos para esclarecerem dúvidas antes do preenchimento dos questionários.

2.3. Instrumentos

Escala de Expressividade Emocional – EEE (EES; *Emotional Expressivity Scale*; Kring, Smith, & Neale, 1994). A escala é composta por 17 itens que pretendem avaliar o grau em que as pessoas exteriorizam as suas emoções, independentemente da sua valência emocional ou canal de expressão, constituindo-se como uma medida unidimensional que avalia a expressividade emocional geral. Para cada uma das afirmações os sujeitos respondem de acordo com uma escala tipo *Likert* de 6 pontos, que varia entre 1 (“nunca verdadeiro”) a 6 (“sempre verdadeiro”). A versão original do questionário apresenta uma elevada consistência interna, com um alfa médio de .91, calculado a partir dos valores obtidos em sete amostras diferentes (constituídas por estudantes universitários e adultos da população geral). A estabilidade teste – reteste, para uma amostra de estudantes universitários, por um período de 4 semanas, foi de .90 (Kring et al., 1994). Baseando-se em outros questionários de auto-resposta e métodos observacionais os autores demonstraram que o questionário apresenta igualmente uma boa validade convergente e discriminante (Kring et al., 1994).

Questionário de Regulação Emocional – QRE (ERQ; *Emotion Regulation Questionnaire*; Gross & John, 2003; tradução e versão portuguesa de Dinis & Pinto Gouveia, 2007).

Esta escala foi construída para avaliar as diferenças individuais no uso de duas estratégias de regulação emocional temporalmente distintas, de acordo com o momento em que têm o seu primeiro impacto no processo gerador das emoções: a reavaliação cognitiva e a supressão expressiva. A *reavaliação cognitiva* é uma estratégia de modificação cognitiva, antecedente à resposta emocional, e consiste na modificação do modo como o indivíduo pensa acerca de um evento potencialmente elicitador de emoção, de modo a modificar o seu impacto emocional (Gross, 1998b). A *supressão expressiva*, é uma estratégia de modelação da resposta, que se refere aos esforços efectuados com a emoção já em curso, depois das tendências de resposta terem sido já iniciadas (John & Gross, 2004), e envolve a redução do comportamento emocional expressivo (John & Gross, 2004). As respostas aos 10 itens que constituem a escala são dadas de acordo com uma escala de *Likert* de 7 pontos que varia entre 1 (“discordo fortemente”) e 7 (“concordo fortemente”). Na versão original foram encontrados valores de consistência interna de .79 (*reavaliação cognitiva*) e de .73 (*supressão expressiva*) (Gross, J. & John, O., 2003), e no estudo aqui apresentado, encontramos valores de *alfa de Cronbach* de .80 (*reavaliação cognitiva*) e de .80 (*supressão expressiva*).

Escala de Respostas Ruminativas – Versão Reduzida – ERR-R (RRS-S; *Ruminative Responses Scale*; Treynor, Gonzalez, & Nolen-Hoeksema, 2003; tradução e versão portuguesa de Dinis, Pinto Gouveia, Duarte, & Castro, no prelo) derivada do *Questionário dos Estilos de Resposta* (RSQ; *Response Styles Questionnaire*; Nolen-Hoeksema, & Morrow, 1991). A *Escala de Respostas Ruminativas*, originalmente composta por 22

itens, mede a frequência com que os respondentes tendem a ruminar em resposta ao seu humor depressivo. Recentemente, após terem sido apontadas algumas limitações psicométricas, nomeadamente de uma possível sobreposição entre o conteúdo de alguns dos itens que compõem a escala e medidas que avaliam a sintomatologia depressiva (e.g., Conway, Csank, Holm, & Blake, 2000; Cox, Enns, & Taylor, 2001; Roberts, Gilboa, & Gotlib, 1998; Segerstrom, Tsao, Alden, & Craske, 2000), Treynor, Gonzalez, e Nolen-Hoeksema (2003) reanalisaram os dados de Nolen-Hoeksema, Larson, e Grayson (1999), e optaram pela remoção de 12 itens potencialmente “contaminados”, ou seja, relacionados com o conteúdo depressivo (baseando-se na sua similaridade com os itens do *Beck Depression Inventory* – BDI; Beck, Ward, Mendelsohn, Mock, & Erbaugh, 1961). Assim, a versão reduzida da escala, é composta por 10 itens que se dividem por dois factores, e que são avaliados numa escala de Likert que varia entre 1 (“quase nunca”) e 4 (“quase sempre”). O primeiro factor, designado por *cismar (brooding)*, reflecte a comparação passiva da situação corrente com algum padrão não alcançado (Treynor et al., 2003). O segundo factor, designado por *reflexivo, (reflection)*, refere-se ao esforço activo para ganhar *insight* sobre o problema, e consiste no uso de estratégias cognitivas com o intuito de aliviar os sintomas depressivos (Treynor et al., 2003). Vários estudos empíricos corroboram a ideia de que a dimensão *cismar* encapsula os aspectos mais patológicos da ruminação (Burwell & Shirk, 2007; Treynor et al., 2003). Na versão reduzida original, os valores de consistência interna avaliados pelo alfa de Cronbach foram de .72 (dimensão *reflexiva*) e .77 (dimensão *cismar*) (Treynor et al., 2003). No estudo aqui apresentado foram obtidos valores de consistência interna de .76 (dimensão *reflexiva*) e de .76 (dimensão *cismar*).

Trait - Meta Mood Scale – TMMS (TMMS; *Trait - Meta Mood Scale*; Salovey, Mayer, Goldman, Turvey, & Palfai, 1995; tradução e versão portuguesa de Dinis, & Pinto Gouveia, 2006). Segundo os autores da versão original, a escala consiste numa “razoável operacionalização da inteligência emocional percebida” (p.147) e pretende medir as *habilidades mentais intrapessoais* subjacentes à inteligência emocional, ou seja, o *meta-conhecimento* que as pessoas têm sobre as suas habilidades emocionais (Goldman, Kraemer, & Salovey, 1996; Salovey, Mayer, Goldman, Turvey, & Palfai, 1995; Salovey, Stroud, Woolery, & Epel, 2002; Salovey, Woolery & Mayer, 2001). Tendo em conta que o questionário avalia a crença dos respondentes acerca de habilidades de regulação emocional, ou seja, acerca dos aspectos subjectivos da sua experiência emocional, ele não possibilita a medição das suas reais habilidades (Mayer, Caruso, & Salovey, 2000; Salovey et al., 2001, 2002;). De acordo com a teoria de Inteligência Emocional proposta por Mayer e Salovey (1997), a inteligência emocional é definida como a habilidade para perceber, compreender, expressar e manejar as suas emoções. Este instrumento foi desenvolvido com o objectivo de avaliar as diferenças individuais, relativamente

estáveis, na tendência que os indivíduos têm para atender aos seus estados emocionais e emoções, fazer a distinção clara entre eles e regulá-los (Queirós, Carral, & Fernández-Berrocal, 2004). A versão reduzida de 30 itens, utilizada neste estudo, é composta por 3 sub-escalas: *reparação do estado emocional*, que avalia a extensão com que os respondentes se esforçam activamente para reparar os seus estados de humor; e acreditam na sua capacidade para regular/ interromper os seus estados emocionais negativos e prolongar os estados emocionais positivos; *atenção às emoções*, que avalia a extensão com que os respondentes activamente dirigem a sua atenção para os seus estados emocionais e emoções, reconhecem, têm consciência e valorizam os seus estados de humor e emoções no momento em que estas ocorrem e a *clareza emocional*, que avalia a habilidade para identificar e descrever emoções específicas e discriminar entre as várias emoções que se experienciam, permitindo deste modo a avaliação do grau com que compreendem com precisão os próprios estados emocionais e emoções (e.g., Salovey et al., 1995; Queirós et al., 2004). Cada item é cotado numa escala de Likert de 5 pontos, que varia entre 1 (“discordo fortemente”) a 5 (“concordo fortemente”), com os itens negativos a serem inversamente cotados, de modo que uma elevada pontuação indica níveis elevados de inteligência emocional. A consistência interna dos factores da versão original, avaliados através do alfa de Cronbach foram de respectivamente .86 para a subescala *atenção*, .88 para a subescala *clareza*, e .82 para a subescala *reparação emocional* (Salovey et al., 1995). Neste estudo foram obtidos os seguintes valores: .74 para a *reparação emocional*, .84 para a *clareza emocional* e .74 para *atenção às emoções*.

Escala de Afecto Positivo e Negativo – PANAS (PANAS; *Positive and Negative Affect Schedule*; Watson, Clark, & Tellegen, 1988; tradução e adaptação de Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). O questionário, composto por 20 itens, avalia duas dimensões da experiência emocional: o afecto positivo e o afecto negativo. Os sujeitos avaliam a extensão em que experimentaram cada emoção, durante as últimas semanas, de acordo com uma escala de resposta de Likert de 5 pontos, em que 1 corresponde a “nada ou muito ligeiramente” e 5 significa “extremamente”. No estudo original de Watson, Clark & Tellegen (1998), conduzido em grandes amostras de estudantes universitários, os valores de consistência interna encontrados foram de .88 para a subescala *afecto positivo* e .89 para a subescala *afecto negativo*. De acordo com o modelo de Watson e Tellegen (1985), as duas subescalas foram construídas para não se correlacionarem entre si, mas serem ortogonais (Watson et al., 1988). No nosso estudo, os valores de consistência para a subescala *afecto positivo* é .88 e para a subescala *afecto negativo* é .89.

Escala de Ansiedade, Depressão e Stress - EADS – 42 (DASS-42; *Depression Anxiety Stress Scales*; Lovibond & Lovibond, 1995; tradução e versão portuguesa de Pais-Ribeiro,

Honrado, & Leal, 2004). A EADS-42 é constituída por 42 itens, distribuídos equitativamente por três dimensões, que pretendem avaliar respectivamente os estados afectivos de depressão, ansiedade e *stress*. Pretende-se que o sujeito avalie a extensão em que experimentou cada sintoma emocional negativo durante a última semana, numa escala de 4 pontos de frequência ou gravidade (0 corresponde a “*não se aplicou nada a mim*” e 3 corresponde a “*aplicou-se a mim a maior parte do tempo*”). Para todas as dimensões, resultados mais elevados correspondem a uma maior intensidade dos estados emocionais negativos avaliados. Na população portuguesa, a estrutura tridimensional encontrada é idêntica à original, tendo sido obtidos valores de consistência interna, pelo cálculo do alfa de Cronbach de .93, .83 e .88 para as subescalas *depressão*, *ansiedade* e *stress* respectivamente (Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004). No presente estudo obtiveram-se respectivamente valores de alfa de Cronbach de .94 (subescala *depressão*), .91 (subescala *ansiedade*) e .93 (subescala *stress*).

3. Resultados do estudo de adaptação da versão portuguesa da EEE

3.1. Validade de Constructo

Para avaliar a replicabilidade do modelo unidimensional da versão original do questionário utilizámos o procedimento seguido pelos autores da versão original, procedendo à realização de uma análise em Componentes Principais, seguida de rotação *Varimax*. Relativamente à decisão do número de factores a reter na análise, observámos os critérios de *Kaiser-Guttman* e o *scree test* de Catell. O critério de *Kaiser-Guttman*, que indica a retenção dos factores que apresentem valores próprios (*eigenvalues*) iguais ou superiores a 1.00, mostra a existência de três factores, que explicam 54.94% da variância. Porém, o *scree test* aponta claramente a existência de um único factor (indicando uma solução unidimensional do instrumento), comprovada ainda pela matriz da solução inicial revelar que todos os itens saturam no primeiro factor, com cargas factoriais superiores a .45. Procedeu-se novamente ao cálculo da análise em Componentes Principais com indicação para a retenção de um factor, no qual se salienta que a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (.923) e o resultado do teste esfericidade de Bartlett, $\chi^2_{(136)} = 6408.657$, $p = .000$, atestaram a factoriabilidade da matriz de correlações, permitindo-nos prosseguir com a interpretação da análise factorial. Na tabela 1 apresentam-se os resultados da solução factorial obtida para a versão portuguesa da escala.

Vários autores (Gross & John, 1998; Kring et al., 1994) apontam para uma estrutura unidimensional do questionário, ou seja, para a existência de um único factor de expressividade geral.

Tabela 1. Matriz de saturação dos itens no primeiro factor para a solução rodada Varimax.

Comunalidades (h^2) e % da variância explicada pelo factor ($N = 1008$)		
Itens da Escala de Expressividade Emocional		h^2
2. Mesmo quando experiencio emoções fortes, eu não as exteriorizo. (R)	.73	.54
5. Guardo os meus sentimentos só para mim. (R)	.72	.52
14. Mesmo que esteja muito emotivo(a), não deixo que os outros percebam os meus sentimentos. (R)	.72	.51
11. Não sou uma pessoa emocionalmente expressiva (que expresse as minhas emoções). (R)	.71	.51
1. Eu não expresso as minhas emoções a outras pessoas. (R)	.71	.50
7. Eu mostro as minhas emoções às outras pessoas.	-.69	.47
15. Considero-me uma pessoa emocionalmente expressiva (que expresso o que estou a sentir).	-.68	.46
9. Não gosto que as outras pessoas percebam como me estou a sentir. (R)	.60	.36
6. As outras pessoas não são capazes de perceber facilmente o que eu estou a sentir. (R)	.59	.35
8. As pessoas vêem-me como uma pessoa sem emoções. (R)	.56	.32
4. As pessoas conseguem “ler” (perceber) as minhas emoções.	-.56	.32
16. Aquilo que sinto é diferente do que as outras pessoas julgam que estou a sentir. (R)	.56	.31
17. Eu “aguento” os meus sentimentos dentro de mim. (R)	.54	.30
10. Não consigo esconder o que estou a sentir.	-.47	.22
12. Para os outros eu sou indiferente. (R)	.46	.21
3. As outras pessoas vêem-me como sendo muito emotivo(a).	-.46	.21
13. Sou capaz de chorar à frente de outras pessoas.	-.45	.21
Valor Próprio (eigenvalues)	6.31	
% de variância	37.09	

(R) = Para a utilização do questionário estes itens devem ser cotados inversamente.

3.2. Fidelidade dos Resultados

3.2.1 Consistência Interna

124

Na Tabela 2 apresentam-se as médias, os desvios-padrão e as correlações de cada item com o total da escala, assim como os valores de consistência interna encontrados para a escala total da versão portuguesa do instrumento e o cálculo do mesmo coeficiente em função da eliminação de cada um dos itens da escala. A consistência interna da Escala de Expressividade Emocional foi examinada através do cálculo do coeficiente alfa de *Cronbach*. Os resultados indicam uma boa⁴ consistência interna para escala total ($\alpha = .89$), muito próximo dos valores obtidos pelos autores originais. A leitura da Tabela 2 permite-nos ainda verificar que as correlações item - total variam entre 0.39 (item 12: “*Para os outros eu sou indiferente*”) e .65 (item 2: “*Mesmo quando experiencio emoções fortes, eu não as exteriorizo*”) comprovando a qualidade e adequação dos itens da escala.

Tabela 2. Valores das médias, desvios-padrão, correlações item – total corrigidas e alfas de Cronbach se eliminado o item, para cada um dos itens da escala (N = 1008)

	M	DP	Correlação item total corrigida	α se eliminado o item
2. Mesmo quando experiencio emoções fortes, eu não as exteriorizo.	4.51	1.17	.65	.88
5. Guardo os meus sentimentos só para mim.	4.20	1.32	.64	.88
14. Mesmo que esteja muito emotivo(a), não deixo que os outros percebam os meus sentimentos.	4.43	1.17	.65	.88
11. Não sou uma pessoa emocionalmente expressiva (que expresse as minhas emoções).	4.42	1.36	.64	.88
1. Eu não expresso as minhas emoções a outras pessoas.	4.29	1.21	.63	.88
7. Eu mostro as minhas emoções às outras pessoas.	3.62	1.27	.63	.88
15. Considero-me uma pessoa emocionalmente expressiva (que expresso o que estou a sentir).	3.76	1.30	.64	.88
9. Não gosto que as outras pessoas percebam como me estou a sentir.	4.17	1.28	.52	.88
6. As outras pessoas não são capazes de perceber facilmente o que eu estou a sentir.	4.11	1.22	.51	.88

4 Foi utilizada a convenção de Pestana e Gageiro (2008) para qualificar a consistência interna da escala, precisamente, alfas de Cronbach inferiores a .60 é considerada uma consistência inaceitável; fraca entre .60 e .70; razoável entre .70 e .80; boa entre .80 e .90; e muito boa superior a .90.

8. As pessoas vêem-me como uma pessoa sem emoções.	5,18	1,10	.49	.88
4. As pessoas conseguem “ler” (perceber) as minhas emoções.	3,53	1,22	.51	.88
16. Aquilo que sinto é diferente do que as outras pessoas julgam que estou a sentir.	4,50	1,12	.48	.89
17. Eu “aguento” os meus sentimentos dentro de mim.	3,83	1,30	.47	.89
10. Não consigo esconder o que estou a sentir.	3,41	1,31	.42	.89
12. Para os outros eu sou indiferente.	5,04	1,12	.39	.89
3. As outras pessoas vêem-me como sendo muito emotivo(a).	3,34	1,25	.41	.89
13. Sou capaz de chorar à frente de outras pessoas.	3,63	1,45	.40	.89

3.2.2 Estabilidade temporal (fidelidade teste-reteste)

Para avaliar a estabilidade temporal do instrumento procedeu-se a uma análise teste – reteste, numa amostra de 39 sujeitos da população geral, para um intervalo que variou entre as 4 e as 6 semanas, através do cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson* ($r = .52; p \leq .01$) e do teste *t de student* para amostras emparelhadas ($t = -.170; p = .866$). Apesar da versão portuguesa da escala apresentar uma estabilidade temporal inferior à obtida pelos autores da versão original, continua a manter de fidelidade temporal aceitável, dada a correlação significativa de magnitude moderada encontrada, e pelo facto de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, no resultado total da escala, entre as duas passagens.

3.3. Estudo das Diferenças de Género

Na Tabela 3 são apresentadas as estatísticas descritivas para os géneros feminino e masculino e para o total da amostra. Para o estudo das diferenças de género, foram comparadas as médias da pontuação total, ao nível da variável género, recorrendo ao uso do teste *t de Student* para amostras independentes. Os resultados demonstram que existem diferenças estatisticamente significativas, $t_{(1006)}=5.76; p=.000$, entre ambos os géneros.

Tabela 3. Médias e desvios-padrão da escala total por géneros. Estudo das diferenças de género.

	Feminino (n = 668)		Masculino (n = 340)		Total (N = 1008)		t	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
EEE	4.21	0.71	3.93	0.79	4.12	0.75	0.58	.000

Os resultados obtidos para a população portuguesa, de que as mulheres são emocionalmente mais expressivas do que os homens, vão de encontro aos da maioria dos estudos que procuraram averiguar a existência de diferenças de género na expressividade emocional (e.g., Allen & Haccoun, 1976; Balswick & Avertt, 1997; Gross & John, 1995; Halberstadt, Hayes, & Pike, 1988; Kring et al., 1994; Kring & Gordon, 1998). Contudo, de referir que existe um número reduzido de estudos que não encontraram tais diferenças (e.g., Fridlund, 1990; Vrana, 1993; Wagner, 1990). Segundo Kring e Gordon (1998), as mulheres são mais expressivas facialmente do que os homens, quer para emoções positivas, quer para emoções negativas. Existe igualmente evidência de que os homens são mais precisos na expressão e percepção de emoções negativas, enquanto as mulheres são mais precisas na expressão e percepção de emoções positivas (Heinhold, Kerr, & Palladino, 1998). Adicionalmente, os homens sentem-se mais confiantes quanto à expressão de emoções negativas (e.g., raiva), enquanto as mulheres se sentem mais confiantes na expressão de emoções positivas (e.g., amor ou afecto) (Heinhold et al., 1998). É possível que estas diferenças de género na expressão emocional sejam devidas às pressões de socialização ocorridas desde a infância, que orientam os rapazes e as raparigas para diferentes papéis sociais. Estas pressões sociais nem sempre são óbvias ou abertas (e.g., os homens não devem chorar), podendo ser subtis, pela convergência da atenção de uma forma diferencial para as expressões dos rapazes e das raparigas durante os eventos emocionais, encorajando deste modo a expressão de certas emoções e desencorajando outras (Chaplin, Cole, & Zahn-Waxler, 2005). Assim, de um ponto de vista desenvolvimental, os rapazes e as raparigas aprendem diferentes regras de expressão das emoções, mas não necessariamente de as experienciar. De um modo geral, os rapazes aprendem a esconder/encobrir as suas emoções, enquanto as raparigas aprendem a expressar mais livremente as suas emoções (Kring & Gordon, 1998).

3.4. Validade Convergente e Divergente

Para avaliar a validade convergente e divergente da versão portuguesa da Escala de Expressividade Emocional (EEE) calcularam-se os coeficientes de correlação de *Pearson* entre o resultado total da escala e a sintomatologia ansiosa, depressiva e a associada ao *stress* (avaliadas pela *Escala de Ansiedade, Depressão e Stress - EADS - 42*), a regulação emocional (medida pelo *Questionário de Regulação Emocional - QRE*), a inteligência emocional (avaliada pelo *Trait - Meta Mood Scale - TMMS*), a ruminação (medida pela *Escala de Respostas Ruminativas - Versão Reduzida - ERR-R*), assim como com o afecto positivo e o afecto negativo (avaliados pelo *Escala de Afecto Positivo e Negativo - PANAS*) (cf. Tabela 4).

Os autores da versão original constataram que a EEE não se correlacionava significativamente com o estado depressivo avaliado pelo *Beck Depression Inventory* (Beck et al., 1961), o que corroborava a sua previsão de que a expressividade disposicional não estaria relacionada com estados de humor transitórios, independentemente de serem positivos ou negativos. Contudo, devido a um erro administrativo nenhuma das participantes do género feminino da amostra completou este instrumento considerando os autores que este resultado necessitaria de ser investigado (Kring et al., 1994). Os resultados encontrados para a versão portuguesa demonstraram que a EEE apresenta uma correlação negativa, de muito baixa magnitude com a sintomatologia associada ao *stress* e de baixa magnitude com a sintomatologia ansiosa e depressiva, sendo que ressaltando a baixa magnitude encontrada, permite-nos sugerir que a expressividade emocional disposicional poderá ser protectora relativamente à experiência de sintomas psicopatológicos.

De entre os resultados encontrados por Kring e colaboradores (1994), destacaram-se igualmente os que forneceram suporte para a existência de uma relação significativa entre a escala de expressividade emocional e a intensidade do afecto (avaliada com o *Affect Intensity Measure*; Larsen, 1984), com os indivíduos que relatavam serem emocionalmente mais expressivos tenderem também a referir que experienciavam as suas emoções mais fortemente; bem como os que demonstraram que a EEE se correlacionava positivamente e com uma magnitude moderada com os três factores do *Emotional Expressivity Questionnaire* (King & Emmons, 1990), mais concretamente, com as subescalas expressão das emoções positivas, expressão das emoções negativas e a expressão da intimidade (Kring et al., 1994). Contudo, a EEE não se associava com a frequência das emoções experienciadas (avaliadas pelo *Affectometer 2*; Kammann & Flett, 1983), concluindo os autores que a expressão das emoções não se correlaciona com a frequência com que se experienciam emoções positivas ou negativas (Kring et al., 1994).

Já na versão portuguesa do instrumento, apesar dos resultados encontrados serem de magnitude muito baixa, a EEE apresenta uma correlação significativa negativa com a subescala de *afecto negativo* e uma correlação significativas positiva com a subescala de *afecto positivo* (dimensões avaliadas pelo *Escala de Afecto Positivo e Negativo – PANAS*), demonstrando que níveis mais elevados de expressividade emocional geral se associam a uma maior experiência de emoções positivas e a uma menor experiência de emoções negativas, corroborando a nossa sugestão de que uma elevada expressividade emocional se associa a uma menor vivência de estados emocionais negativos.

Verificou-se ainda que a expressividade emocional disposicional se correlaciona negativamente com a dimensão *cismar* (que contempla os efeitos

mais patológicos da ruminação, e que foi avaliada com a *Escala de Respostas Ruminativas – Versão Reduzida – ERR-R*), o que reforça a crescente evidência de que uma adequada expressão emocional diminui a frequência dos pensamentos intrusivos, assim como do seu efeito negativo, na saúde física e mental (Lepore, Fernandez-Berrocal, Ragan, & Ramos, 2004; Lepore, Ragan, & Scott, 2000). Estudos recentes sugerem mesmo que a ruminação poderá ser conceptualizada como uma estratégia de regulação emocional cognitiva (de supressão emocional), empregue pelos indivíduos deprimidos, numa tentativa de suprimirem a experiência mais intensa dos componentes fisiológicos, comportamentais e subjectivos da emoção negativa (e.g., Liverant, Kamholz, Sloan, & Brown, 2011).

Dado que, de um modo geral, existe acordo quanto ao facto do constructo de regulação emocional se referir aos processos através dos quais os indivíduos exercem a sua influência relativamente às emoções que têm, quando as têm e como essas emoções são experienciadas e expressas (Gross, 1998b), interessou-nos igualmente averiguar a relação entre a expressividade emocional disposicional e a regulação emocional (medida pelo *Questionário de Regulação Emocional – QRE*). Tal como esperado, a expressividade emocional disposicional não se correlaciona significativamente com a reavaliação cognitiva (estratégia que é antecedente à resposta emocional ter sido completamente activada), mas apresenta uma correlação negativa alta com a supressão expressiva, dado que esta estratégia de modelação da resposta emocional envolve especificamente a redução/ inibição do comportamento emocional expressivo.

Por fim, procurámos averiguar a relação entre a expressividade emocional disposicional e a inteligência emocional percebida (avaliada pelo *Trait - Meta Mood Scale – TMMS*). De acordo com a teoria de Inteligência Emocional proposta por Mayer e Salovey (1997), a inteligência emocional é definida como a habilidade das pessoas para perceber, compreender, expressar e regular as suas emoções. Tendo em conta que os indivíduos com uma elevada inteligência emocional deverão ter menos dificuldades em expressar as suas emoções abertamente (Davies, Stankov, & Roberts, 1998; Gohm & Clore, 2000), e que alguns estudos demonstram que são os indivíduos que se mostram atentos aos seus estados emocionais e que são capazes de os discriminar que manifestam uma maior capacidade para expressar as suas emoções abertamente (Davies et al., 1998; Ramos, Fernandez-Berrocal, & Extremera, 2007), esperaríamos encontrar uma associação positiva entre a expressividade emocional e a inteligência emocional percebida, sobretudo com as dimensões *clareza emocional* e *atenção às emoções*, como se veio a comprovar.

Tabela 4. Validade Convergente e Discriminante da EEE

	EEE
Psicopatologia	
EADS-42 (depressão)	-.26**
EADS-42 (ansiedade)	-.24**
EADS-42 (<i>stress</i>)	-.14**
Experiência Emocional	
PANAS (positivo)	.17**
PANAS (negativo)	-.15*
Ruminação	
ERR-R (reflexivo)	-.08
ERR-R (ruminativo)	-.12**
Regulação Emocional	
QRE (supressão expressiva)	-.69**
QRE (reavaliação cognitiva)	-.05
TMMS (reparação emocional)	.20**
TMMS (clareza)	.26**
TMMS (atenção)	.47**

Nota. * $p \leq .05$. ** $p \leq .01$. EEE = Escala de Expressividade Emocional; EADS-42 = Escalas de Ansiedade, Depressão e *Stress*; PANAS = Escala de Afecto Positivo e Negativo; ERR-R = Escala de Respostas Ruminativas – versão reduzida; QRE = Questionário de Regulação Emocional; TMMS = Trait-Meta Mood Scale

4. Discussão

A Escala de Expressividade Emocional (EEE) é um instrumento de auto-resposta e destina-se a avaliar o grau em que os respondentes manifestam externamente as suas emoções independentemente da sua valência emocional ou canal de expressão.

O presente estudo teve como principal objectivo avaliar as características psicométricas da Escala de Expressividade Emocional, numa amostra portuguesa, de estudantes e população geral.

No que respeita às análises psicométricas da EEE, a versão portuguesa revelou uma estrutura factorial unidimensional, que é idêntica à encontrada para a versão original (Kring et al., 1994). A versão portuguesa da EEE mostrou possuir valores elevados de consistência interna para o total e para cada item, indicando uma boa

fidedignidade deste instrumento. A estabilidade temporal foi avaliada num intervalo que variou entre as quatro e as seis semanas, mostrando valores aceitáveis.

Relativamente às diferenças de género na expressividade emocional, os valores obtidos para a população portuguesa são consistentes com os da maioria dos estudos (e.g. Allen & Haccoun, 1976; Balswick & Avertt, 1997; Gross & John, 1995; Halberstadt et al., 1988; Kring et al., 1994; Kring & Gordon, 1998), verificando-se que as mulheres são emocionalmente mais expressivas do que os homens.

Quanto à validade convergente e divergente, os resultados encontrados variam entre uma magnitude de muito baixa a moderada, com a EEE a apresentar uma correlação significativa negativa com a subescala de *afecto negativo* e uma correlação significativa positiva com a subescala de *afecto positivo* (dimensões avaliadas pelo *Escala de Afecto Positivo e Negativo – PANAS*). A EEE correlaciona-se negativamente com a dimensão *cismar* (avaliada pela *Escala de Respostas Ruminativas – Versão Reduzida – ERR-R*). A EEE apresenta uma correlação negativa alta com a supressão expressiva, medida pelo *Questionário de Regulação Emocional – QRE*. A EEE correlaciona-se positivamente com as dimensões *clareza emocional e atenção às emoções*, avaliadas pelo *Trait-Meta Mood Scale – TMMS*. Assim sendo, a EEE parece estar associada a um funcionamento psicológico adaptativo.

Esta investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente o facto de a Escala de Expressividade Emocional se basear na capacidade dos respondentes para descreverem de uma forma consciente a sua experiência emocional, constituindo-se assim numa medida subjectiva de avaliação da expressão das emoções. Uma vez que estes dados são retirados da população geral seria importante, em futuras investigações, a replicação deste estudo numa amostra clínica. Seria igualmente importante avaliar a expressividade emocional em diferentes amostras clínicas, uma vez que os estudos referem que diferentes perturbações psicológicas estão associadas a “excessos” na emoção, a “défices” na emoção, ou à incoerência entre os sistemas de resposta emocional (Keltner & Kring, 1998; Kring & Bachorowski, 1999).

Apesar das limitações apontadas, os resultados deste estudo sugerem que a versão portuguesa da Escala de Expressividade Emocional é um instrumento com boas características psicométricas, que pode ser utilizado tanto por clínicos como por investigadores.

Referências Bibliográficas

- Adelmann, P. K., & Zajonc, R. B. (1989). Facial efference and the experience of emotion. *Annual Review of Psychology, 40*, 249-280. doi: 10.1146/annurev.ps.40.020189.001341
- Aghevli, M., Blanchard, J. J., & Horan, W. P. (2003). The expression and experience of emotion in schizophrenia: A study of social interactions. *Schizophrenia Research, 119*, 261-270.
- Allen, J. G., & Haccoun, D. M. (1976). Sex differences in emotionality: A multidimensional approach. *Human Relations, 29*, 711-722. doi: 10.1177/001872677602900801
- Balswick, J., & Avertt, C. (1977). Differences in expressiveness: Gender, interpersonal orientation, and perceived parental expressiveness as contributing factors. *Journal of Marriage and Family, 39*, 121-127. doi: 10.2307/351068
- Beck, A. T., Ward, C. H., Mendelsohn, M., Mock, J., & Erbaugh, J. (1961). An inventory for measuring depression. *Archives of General Psychiatry, 4*, 561-571.
- Blanchard, J. J., Kring, A. M., & Neale, J. M. (1994). Flat affect in schizophrenia: A test of neuropsychological models. *Schizophrenia Bulletin, 20*, 69-8.
- Buck, R., Losow, J. I., Murphy, M. M., & Costanzo, P. (1992). Social facilitation and inhibition of emotional expression and communication. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 962-968.
- Burwell, R. A., & Shirk, S. R. (2007). Subtypes of rumination in adolescence: Association between brooding, reflection, depressive symptoms, and coping. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 36*, 56-65. doi: 10.1207/s15374424jccp3601_6
- Buss, A. H., & Plomin, R. (1975). *A temperament theory of personality*. New York: Wiley.
- Chaplin, T. M., Cole, P. M., Zahn-Waxler, C. (2005). Parental Socialization of Emotion Expression: Gender Differences and Relations to Child Adjustment. *Emotion, 1*, (5), 80-88.
- Cox, B. J., Enns, M. W., & Taylor, S. (2001). The effect of rumination as a mediator of elevated anxiety sensitivity in major depression. *Cognitive Therapy and Research, 25*(5), 525-534. doi: 10.1023/A:1005580518671
- Conway, M., Csank, P. A. R., Holm, S. L., & Blake, C. K. (2000). On assessing individual differences in rumination on sadness. *Journal of Personality Assessment, 75*(3), 404-425.
- Davies, M., Stankov, L., & Roberts, R. D. (1998). Emotional intelligence: In search of an elusive construct. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*(4), 989-1015. doi: 10.1037/0022-3514.75.4.989
- Dinis, A., & Pinto Gouveia, J. (2006). *Versão portuguesa do Trait - Meta Mood Scale – TMMS*. Manuscrito não publicado.
- Dinis, A., & Pinto Gouveia, J. (2007). *Versão portuguesa do Questionário de Regulação Emocional – QRE*. Manuscrito não publicado.
- Dinis, A., Pinto Gouveia, J., Duarte, C., & Castro, T. (no prelo). Estudo de validação da versão portuguesa do Questionários de Respostas Ruminativas – versão reduzida. *Psychologica, 43*(4), 693-702. doi: 10.1016/j.paid.2007.01.010
- Dobbs, J. L., Sloan, D. M., & Karpinski, A. (2007). A psychometric investigation of two self-report measures of emotional expressivity. *Personality and Individual Differences, 43*(4), 693-702. doi: 10.1016/j.paid.2007.01.010
- Ernst, K. S., & Kring, A. M. (1999). Emotional responding in deficit and non-deficit schizophrenia. *Psychiatry Research, 88*, 191-207.
- Ekman, P. (1992). Facial expression and emotion. *American Psychologist, 48*, 384-392.
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1975). *Unmasking the face*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1978). *The facial action coding system*. Palo Alto, CA: Consulting Psychological Press.

- Ekman, P., Friesen, W. V., & Ellsworth, P. (1982). Conceptual ambiguities. In P. Ekman (Ed.), *Emotion in the human face* (pp. 7-21). New York: Cambridge University Press.
- Ekman, P., Matsumoto, D., & Friesen, W. F. (1997). Facial expression in affective disorders. In P. Ekman & E. Rosenberg (Eds.), *What the face reveals: Basic and applied studies of spontaneous expression using the Facial Action Coding System (FACS)* (pp. 331-342). New York: Oxford University Press.
- Fridlund, A. J. (1990). Sociality of solitary smiling: Potentiation by an implicit audience. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*, 229-240.
- Friedman, H. S., Prince, L. M., Riggio, R. E., & DiMatteo, M. R. (1980). Understanding and assessing nonverbal expressiveness: The Affective Communication Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, *39*, 333-351.
- Gaebel, W., & Wölwer, W. (2004). Facial expression in the course of schizophrenia and depression. *European Archives of Psychiatric and Clinical Neuroscience*, *254*(5), 335-342.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS): II - Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, *23* (2), 219-227.
- Gangestad, S., & Snyder, M. (1985). To carve nature at its joints: On the existence of discrete classes in personality. *Psychological Review*, *92*, 317-349.
- Gohm, C. L., & Clore, G. L. (2000). Individual differences in emotional experience: Mapping available scales to processes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *26*(6), 679-697. doi: 10.1177/0146167200268004
- Goldman, S. L., Kraemer, D. T., & Salovey, P. (1996). Beliefs about mood moderate the relationship of stress to illness and symptom reporting. *Journal of Psychosomatic Research*, *41*, 155-128.
- Gross, J. J. (1998a). Antecedent- and response-focused emotion regulation: Divergent consequences for experience, expression, and physiology. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*, 224-237.
- Gross, J. J. (1998b). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology*, *2*, 271-299.
- Gross, J. J., & John, O. P. (1995). Facets of emotional expressivity: Three self-report factors and their correlates. *Personality and Individual Differences*, *19*, 555-568.
- Gross, J. J., & John, O. P. (1997). Revealing feelings: Facets of emotional expressivity in self-reports, peer ratings, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, *72*(2), 435-448.
- Gross, J. J., & John, O. P. (1998). Mapping the domain of expressivity: Multimethod evidence for a hierarchical model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*, 170-191.
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationship, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, *2*(85), 348-362.
- Gross, J. J., & Muñoz, R. F. (1995). Emotion regulation and mental health. *Clinical Psychology: Science and Practice*, *2*(2), 151-164. doi: 10.1111/j.1468-2850.1995.tb00036.x
- Halberstadt, A. G., Cassidy, J., Stifter, C. A., Parke, R. D., & Fox, N. A. (1995). Self-expressiveness within the family context: Psychometric support for a new measure. *Psychological Assessment*, *7*, 93-103.
- Halberstadt, A. G., Hayes, C. W., & Pike, K. M. (1988). Gender, and gender differences in smiling and communication consistency. *Sex Roles*, *19*, 589-603.

- Heinhold, A.M., Kerr, S.L., & Palladino, L. (1998). Gender differences in parents' perceptions of their adult children's and their families' emotional expressivity. *Personality and Individual Differences, 4*(24), 559-564.
- Herpertz, S. C., Werth, U., Lukas, G., Quanaibi, M., Schuerkens, A., Kunert, H., ... Henning, S. (2001). Emotion in criminal offenders with psychopathy and borderline personality disorder. *Archives of General Psychiatry, 58*, 737-745.
- John, O. P., & Gross, J. J. (2004). Healthy and unhealthy emotion regulation: Personality processes, individual differences, and lifespan development. *Journal of Personality, 72*, 1301-1334.
- Kammann, R., & Flett, R. (1983). Affectometer 2: A scale to measure current level of general happiness. *Australian Journal of Psychology, 35*, 257-265.
- Keltner, D., & Kring, A.M. (1998). Emotion, social function, and psychopathology. *Review of General Psychology, 3*(2), 320-342.
- Kennedy-Moore, E., & Watson, J. C. (1999). *Expressing Emotion: Myths, Realities and Therapeutic Strategies*. New York: The Guilford Press.
- King, L. A., & Emmons, R. A. (1990). Conflict over emotional expression: Psychological and physical correlates. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 864-877.
- Kring, A. M., & Bachorowski, J. A. (1999). Emotions and Psychopathology. *Cognition and Emotion, 13* (5), 575-599.
- Kring, A. M., & Gordon, A. H. (1998). Sex Differences in Emotion. Expression, Experience and Physiology. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 686-703.
- Kring, A. M., & Neale, J. M. (1996). Do schizophrenic patients show a disjunctive relationship among expressive, experiential, and psychophysiological components of emotion? *Journal of Abnormal Psychology, 105*, 249-257.
- Kring, A. M., & Sloan, D. (1991). *The facial expression coding system (FACES): A user's guide*. Unpublished manuscript.
- Kring, A. M., & Sloan, D. M. (2007). The facial expression coding system (FACES): Development, validation, and utility. *Psychological Assessment, 19*, 210-221.
- Kring, A. M., Ken, S., Smith, D. A., & Neale, J. M. (1993). Flat affect in schizophrenia does not reflect diminished subjective experience of emotion. *Journal of Abnormal Psychology, 104*, 507-517.
- Kring, A. M., Smith, D. A., & Neale, J. M. (1994). Individual differences in dispositional expressiveness: Development and validation of the Emotional Expressivity Scale. *Journal of Personality and Social Psychology, 66*(5), 934-949. doi: 10.1037/0022-3514.66.5.934
- Laird, J. D. (1974). Self-attribution of emotion: The effects of expressive behavior on the quality of emotional experience. *Journal of Personality and Social Psychology, 29*, 475-486.
- Larsen, R. J. (1984). Theory and measurement of affect intensity as an individual difference characteristic. *Dissertation Abstracts International, 5*, 2297B. University Microfilms No. 84-22112.
- Lang, P. J., Bradley, M. M., & Cuthbert, B. N. (1990). Emotion, attention, and the startle reflex. *Psychological Review, 97*(3), 377-395. doi: 10.1037/0033-295X.97.3.377
- Lepore, S. J., Fernandez-Berrocal, P., Ragan, J., & Ramos, N. (2004). It's not that bad: Social challenges to emotional disclosure enhance adjustment to stress. *Anxiety, Stress and Coping: An International Journal, 17*(4), 341-361. doi: 10.1080/10615800412331318625
- Lepore, S. J., Ragan, J. D., & Scott, J. (2000). Talking facilitates cognitive-emotional processes of adaptation to an acute stressor. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*, 499-508.

- Lepore, S. J., & Smyth, J. (Eds.). (2002). *The writing cure: How expressive writing influences health and well-being*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Levenson, R. W. (1994). Human emotion: A functional view. In P. Ekman & R. J. Davidson (Eds.), *The nature of emotion: Fundamental questions* (pp.123-126). New York Oxford: Oxford University Press.
- Liverant, G. I., Kamholz, B. W., Sloan, D. M. & Brown, T. A. (2011). Rumination in Clinical Depression: A Type of Emotional Suppression? *Cognitive Therapy and Research*, 35 (3), 253-265. doi: 10.1007/s10608-010-9304-4
- Lovibond, P., & Lovibond, S. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the depression anxiety stress scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. doi:10.1016/0005-7967(94)00075-U
- Mauss, I. B., Levenson, R. W., McCarter, L., Wilhelm, F. H., & Gross, J. J. (2005). The tie that binds?: Coherence among emotion experience, behavior, and physiology, *Emotion*, 5 (2), 175-190. doi: 10.1037/1528-3542.5.2.175
- Mayer, J. D., Caruso D., & Salovey P. (2000) Selecting a measure of emotional intelligence: the case for ability scales. In R. Bar-On & J. D. Parker (Eds). *The Handbook of Emotional Intelligence: Theory, Development, Assessment, and Application at Home, School, and the Workplace* (pp. 320-342). San Francisco: Jossey-Bass.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. Sluyter (Eds.), *Emotional Development and Emotional Intelligence: Educational Implications* (pp. 3-31). New York: Basic Books.
- Mennin, D. S., Heimberg, R. G., Turk, C. L., & Fresco, D. M. (2005). Preliminary evidence for an emotion dysregulation model of generalized anxiety disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 43, 1281-1310.
- Miller, G. A., & Kozak, M. J. (1993). Three-systems assessment and the construct of emotion. In N. Birbaumer & A. Ohman (Eds.), *The structure of emotion* (pp. 31-47). Seattle, WA: Hogrefe & Huber.
- Nolen-Hoeksema, S. (1991). Responses to depression and their effects on the duration of depressive episodes. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 569-582.
- Nolen-Hoeksema, S., Larson, J., & Grayson, C. (1999). Explaining the gender difference in depressive symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77 (5), 1061-1072.
- Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de Depressão Ansiedade Stress de Lovibond e Lovibond. *Psychologica*, 36, 235-246.
- Pennebaker, J. W. (1995). *Emotion, disclosure, and health*. Washington, DC. American Psychological Association.
- Pennebaker, J. W. (1997). *Opening up: The healing power of confiding in others*. New York: W. Morrow.
- Queirós, M. M., Carral, J. M. C., & Fernández-Berrocal, P. (2004). *Inteligência Emocional Percebida (IEP) e Actividade Física na Terceira Idade*. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 8 (1) 187-209.
- Ramos, N. S., Fernandez-Berrocal, P., & Extremera, N. (2007). Perceived emotional intelligence facilitates cognitive-emotional processes of adaptation to an acute stressor. *Cognition and Emotion*, 21(4), 758-772. doi: 10.1080/02699930600845846
- Rennenberg, B., Heyn, K., Gebhard, R., & Bachmann, S. (2005). Facial expressions of emotion in borderline personality disorder and depression. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 36, 183-196.

- Riggio, R. E. (1986). Assessment of basic social skills. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(3), 649-660. doi: 10.1037/0022-3514.51.3.649
- Roger, D., & Nesselroever, W. (1987). The construction and preliminary validation of a scale for measuring emotional control. *Personality and Individual Differences*, 8, 527-534.
- Roberts, J. E., Gilboa, E., & Gotlib, I. H. (1998). Ruminative response style and vulnerability to episodes of dysphoria: Gender, neuroticism, and episode duration. *Cognitive Therapy and Research*, 22(4), 1998, 401-423.
- Robinson, M. D., & Clore, G. L. (2002). Belief and feeling: Evidence for an accessibility model of emotional self-report. *Psychological Bulletin*, 128(6), 934-960.
- Salovey, P., Mayer, J. D., Goldman, S.L., Turvey, C., & Palfai, T. P. (1995). Emotional attention, clarity, and repair: Exploring emotional intelligence using the Trait Meta-Mood Scale. In J. W. Pennebaker (Ed.), *Emotion, disclosure, and health*. (pp. 123-154). New York: Bantam Books.
- Salovey, P., Stroud, L.R., Woolery, A., & Epel, E.S. (2002). Perceived emotional intelligence, stress reactivity, and symptom reports: Further explorations using the Trait Meta-Mood Scale. *Psychology and Health*, 17, 611-627.
- Salovey, P., Woolery, A., & Mayer, J. D. (2001). Emotional intelligence: Conceptualization and measurement. In G. J. O. Fletcher & M. S. Clark (Eds.), *Blackwell Handbook of Social Psychology* (pp. 279-307). Blackwell, London.
- Segerstrom, S. C., Tsao, J. C. I., Alden, L. E., & Craske, M. G. (2000). Worry and rumination: Repetitive thought as a concomitant and predictor of negative mood. *Cognitive Therapy and Research*, 24, 671-688.
- Shaw, W. S., Patterson, T. L., Semple, S. J., Dimsdale, J. E., Ziegler, M. G., & Grant, I. (2003). Emotional expressiveness, hostility, and blood pressure in a longitudinal cohort of Alzheimer caregivers. *Journal of Psychosomatic Research*, 54(4), 293-302. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0022-3999\(02\)00412-9](http://dx.doi.org/10.1016/S0022-3999(02)00412-9)
- Sloan, D. M., & Marx, B. P. (2004). Taking pen to hand: Evaluating theories underlying the written emotional disclosure paradigm. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 11(2), 121-137. doi: 10.1093/clipsy.bph062
- Sloan, D. M., Strauss, M. E., & Wisner, K. L. (2001). Diminished response to pleasant stimuli by depressed women. *Journal of Abnormal Psychology*, 110, 488-493.
- Snyder, M. (1987). *Public appearances, private realities: The psychology of self-monitoring*. New York: Freeman.
- Snyder, M. (1974). The self-monitoring of expressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 30, 526-537.
- Stanton, A. L., Danoff-Burg, S., Cameron, C. L., Bishop, M., Collins, C. A., Kirk, S. B., ... Twillman, R. (2000). Emotionally expressive coping predicts psychological and physical adjustment to breast cancer. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68, 875-882. doi: 10.1037/0022-006X.68.5.875
- Tellegen, A., Lykken, D. T., Bouchard, T. J., Wilcox, K. J., Segal, N. L., & Rich, S. (1988). Personality similarity in twins reared apart and together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1031-1039.
- Travis, C. (1989). *Anger: The misunderstood emotion* (Rev. ed.). New York: Simon & Schuster.
- Treynor, W., Gonzalez, R., & Nolen-Hoeksema, S. (2003). Rumination reconsidered: a psychometric analysis. *Cognitive Therapy and Research*, 27, 247-259.
- Vrana, S. R. (1993). The psychophysiology of disgust: Differentiating negative emotional contexts with facial EMG. *Psychophysiology*, 30, 279-286.

- Wagner, H. L. (1990). The spontaneous facial expression of differential positive and negative emotions. *Motivation and Emotion, 14*, 27-43.
- Wagner, A. W., Roemer, L., Orsillo, S. M., & Litz, B. (2003). Emotional experiencing in women with posttraumatic stress disorder: Congruence between facial expressivity and self-report. *Journal of Traumatic Stress, 16*, 67-75.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1984). Negative Affectivity: The disposition to experience aversive emotional states. *Psychological Bulletin, 96*, 465-490.
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 1063-1070.
- Watson, J., & Greer, S. (1983). Development of a questionnaire measure of emotional control. *Journal of Psychosomatic Research, 27*, 299-305.
- Watson, D., & Tellegen, A. (1985). Toward a consensual structure of mood. *Psychological Bulletin, 98*, 219-235.
- Wegner, D. M. (1992). You can't always think what you want: Problems in the suppression of unwanted thoughts. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, (Vol. 25, pp. 193-225). San Diego, CA: Academic Press.
- Wenzlaff, R. M., & Wegner, D. M. (2000). Thought suppression. *Annual Review of Psychology, 51*, 59-91.

Study of psychometric characteristics of the Portuguese version of the Emotional Expressivity Scale

The Emotional Expressivity Scale (EES; Kring, Smith, & Neale, 1994) intended to assess the degree to which people outwardly display their emotions, regardless of emotional valence or channel of expression. This study presents the psychometric characteristics and the factorial structure of the Portuguese version.

In a sample of 1008 subjects, students and general population, the results show that the scale as an accurate internal consistency and temporal stability. The factorial composition proved to be similar to the one found by original authors, showing clearly the existence of one-factor model.

The convergent and discriminant validities as been studied through the analysis of the co-relationship with the anxiety, depression, and *stress*, emotional regulation, emotional intelligence, rumination, as well as the positive and negative affect. The results suggest that the Emotional Expressivity Scale is a useful and valid scale to assess emotional expressivity in the Portuguese population.

KEY-WORDS: Emotional Expressivity, Emotional Expressivity Measures, Psychopathology, Emotional Experience, Rumination, Emotional Regulation.

L'étude des caractéristiques psychométriques de la version portugaise de l'échelle expressivité émotionnelle

L'Échelle Expressivité Émotionnelle (EEE; *Emotional Expressivity Scale*; EES; Kring, Smith, & Neale, 1994) prétend évaluer le degré auquel les réponders démontre ses émotions, indépendamment de sa valence émotionnel ou chanel d'expression. Dans cette étude, on présente les caractéristiques psychométriques et la structure factorielle de la version portugaise.

Dans un univers de 1008 sujets, étudiants et de la population générale, les résultats montrent que l'échelle a une bonne consistance interne et une stabilité temporelle. La composition factorielle s'est révélée pareille à celle trouvée par les auteurs originaux, soulevant une structure unidimensionnelle.

Les validités convergent et divergent on été étudiés d'après l'analyse des corrélations avec la symptomatologie anxieuse, dépressive et le *stress*, la régulation émotionnelle, l'intelligence émotionnelle, la rumination, ainsi que les affects positif et négatif.

Les résultats démontre que l'Échelle Expressivité Émotionnelle c'est un instrument utile et valide pour mesurer l'expressivité émotionnelle de la population portugaise.

MOTS-CLÉS: Expressivité Émotionnelle; Mesures de Expressivité Émotionnelle; Psychopathologie; Expérience émotionnelle; Rumination; Régulation Emotionnelle.

